

# O FIGUEIROENSE

SEMANARIO IMPARCIAL, POLITICO, NOTICIOSO, LITTERARIO E RECREATIVO

PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR—FRANCISCO ANTONIO D'AGUIAR

## ASSIGNATURAS

Um anno . . . . .	1\$200 réis
Seis mezes . . . . .	\$600
Para o Brazil, por anno . . . . .	2\$000
Para a Africa, por anno . . . . .	1\$200
Numero avulso . . . . .	30

Anunciam-se as obras das quaes se recebe 1 exemplar.

## PUBLICA-SE AOS SABBADOS

EDITOR—Manuel Luiz.

Officina de impressão e Administração—RUA DA TORRE

## PUBLICAÇÕES

Anuncios—cada linha . . . . .	40 réis
Repetições . . . . .	20
Imposto do sello . . . . .	10

Originacs sejam ou não publicados não se restituem.  
Anuncios permanentes e comunicados preço convencionado.

## CASTANHEIRA DE PERA

(RIBEIRA DE PERA)

### III

Para melhor coordenação do que temos a escrever, continuaremos a tractar das fabricas da Ribeira de Pera, pela ordem topographica.

Deixando as fabricas do sr. Cepas e descendo ao longo da Ribeira encontramos a seguir a fabrica do Bollo. Foi fundada por cinco cavalleiros dos mais prestimosos e honrados da localidade, os quaes eram: —D.º João Moraes, do Bollo; Joaquim José de Carvalho, do Casalinho; José Joaquim de Carvalho, do Torgal; João Luiz de Gouveia, da Gestosa Cimeira e Manuel José de Carvalho, de Pera.

E' de cardação, fição e tecelagem, gosando do melhor credito pela perfeição dos seus productos. Dos seus fundadores não existe já senão o sr. João Luiz de Gouveia. Tem um defeito d'origem, que consiste em a empreza ter sido fundada com numero demasiado grande de fundadores, aggravado hoje esse numero pela morte d'estes. Uma das dependencias da fabrica foi roubada e incendiada pelos celebres Veras, a maior parte dos quaes desapareceu já na Africa e nas prisões.

Continuando a descer para as outras fabricas, e agora já sem custo, porque o solo é menos accidentado, correndo por isso aqui a Ribeira mansamente atravez de prados vigorosos e enebriantes de frescura no verão, encontramos a fabrica da Varzea fundada pelos srs. Domingos Alexandre, do Villar, Caetano Henriques, do Torgal, José Alves da Silva, da Palheira e Bernardo Rodrigues Ventura, do Torgal. Hoje é pertença dos dois primeiros e dos herdeiros do terceiro.

E', como a antecedente, de cardação, fição e tecelagem, porém com maior desenvolvimento do que aquella. Tem uma machina a vapor para auxiliar o motor hydraulico nos mezes da estiagem. Tem sido muito bem administrada, conservando-se ali alguns empregados desde a primitiva, e com o auxilio d'ella cada um dos seus empresarios tem feito boa fortuna.

Torna-se indispensavel que a todos os actos da vida prezida a boa administração, mas muito principalmente tractando-se de emprezas de caracter permanente e para cujo movimento são necessarios grandes capitais.

Um pouco abaixo da fabrica da Varzea, muito proximo d'esta, nas immediações da pequena povoação

do Torgal, assenta no requebro d'uma curva formada pela Ribeira, a importante fabrica do Safrujo, actualmente pertencente ao sr. Domingos Alexandre, do Villar, anteriormente referido a proposito da fabrica da Varzea.

Cercada por uma veiga lindissima, constituida por terrenos de primeira qualidade, o Safrujo, além de possuir um local magnifico para a industria a que está adaptado, pôde converter-se em uma vivenda principesca, digna de ser invejada. O seu dono actual é competantissimo para fazer d'ella tudo quanto d'ella se poder, e que é muito.

Foi fundada pelo D.º João Moraes á sociedade com seu cunhado Francisco Xavier. Por fallecimento do primeiro, passou a parte respectiva para o filho Adrião Alves de Carvalho Moraes, e ambos passaram-na ao sr. José Alves Pereira, da Castanheira, até que por compra ao sr. Arcediago José Simões Dias, de Coimbra, pertence ao dono actual acima referido. Dá os mesmos productos das duas anteriores e tem tambem machinismos para ultimação das fazendas, uma das partes mais importantes da fabrica. Está substituindo muito regularmente, n'esta parte do fabrico, a fabrica dos Esconhaes. E' tambem movida a vapor nos mezes do verão. Oxalá que progrida, como é de esperar, pois que, pela indole dos habitantes da Ribeira de Pera, inteiramente dados á vida commercial, é do progresso das fabricas que fazem o progresso d'esta região.

## CARTA DE LISBOA

14 de Agosto de 1902.

No *Diario de Noticias* de 8 do corrente deparámos nós com uma carta d'um leitor do mesmo jornal, intitulado—*Falsificação de generos alimenticios*—e na qual se destacam os seguintes periodos:

«Antigamente o pelourinho era o castigo imposto aos que traficavam nos generos e nos pesos.

«Legalmente foram abaixo esses postes de ignominia e os que restam pertencem aos dominios da archeologia. Substitue hoje os pelourinhos a imprensa diaria; mas em boa verdade, nenhum negociante, ou fabricante se arreceia muito d'esse genero de exposição. Tem a imprensa o irreductivel senso de ser multi-fronte. Uma penalidade me lembro que se me afigura eficaz para estes casos, já agora e desgraçadamente endemicos, de desabusada falsificação. Todo o fabricante ou negociante que preparar ou expozer á venda,

ou retiver em sua casa ou armazens generos destinados ao consumo, que contenham substancias nocivas á saude, ou outros que constituem fraude, será condemnado a não poder mais fabricar ou vender generos alimenticios de qualquer natureza, quer directa quer indirectamente, quer individual quer socialmente.»

Outras condemnações prescreve o signatario da alludida carta, que por falta de espaço não transcrevemos. Concordamos plenamente com o alvitre em questão, mas duvidamos que as nossas auctoridades sejam capazes de adoptal-o.

Os sub-delegados de saude, por exemplo, preocupam-se mais actualmente com os escarradores (*salvaterio importante* encontrado pela Assistencia aos tuberculosos para a cura da tísica), do que com as falsificações dos generos alimenticios. E' ver tambem a fórma como são feitas as visitas aos estabelecimentos. Tudo feito a vapor, para ficar o dia liberto aos ditos sub-delegados para as suas consultas medicas particulares e outros negocios.

Existe no nosso paiz uma Junta de Saude que a nosso ver é só para *inglez ver*, do contrario os falsificadores já teriam apanhado uma boa lição.

«Mais um monopolio que se annuncia e esse é o dos automoveis. Falla-se tambem em muitos outros que estão planeados. A pouco a pouco vae indo tudo. Assim rapaziada da fina, que não escape cousa alguma, ar. luz, etc.

«Diz-se que a Manutenção Militar vae ser auctorizada a importar 3 milhões e quinhentos mil kilos de trigo exotico. Havendo tanto trigo nacional não se explica porque se vae dar uma auctorisação d'estas.

Será para melhorar em cor o pão dos soldados que actualmente é uma droga indecente?

«Nos tempos do absolutismo o povo fazia ouvir a sua voz, tinha representação condigna. Hoje com o chamado constitucionalismo que papel desempenha o povo?

Por exemplo, em 1591, segundo a descripção que faz de Lisboa Alfredo de Mesquita, laureado escriptor que está escrevendo a *Lisboa Illustrada*, obra interessante que está sahindo aos fasciculos e tomos, o governo e a camara municipal de Lisboa, desempenhavam os seus cargos a contento do povo.

Alfredo de Mesquita, depois de relatar o que faziam os vereadores, qual a sua missão, diz assim:

«Muitas eram as proeminencias de que gosava o Senado de Lisboa. No antigo regimen sempre elle era considerado como representante do

povo da capital. N'esses tempos ainda se não tinha descoberto a centralisação. Havia a representação nacional nos tres estados do reino, e um d'esses estados era o do povo; e, sem embargo, ás camaras tambem o representavam. Os estadistas modernos adeantaram-se aos antigos com o systema, que toda a representação dos municipios acaba.»

Em lugar de ganharmos perdemos, é o que se deprehende o que é uma pura verdade.

Os governos hoje fazem o que transcrevemos da *Folha da Tarde*:

«Falla-se na existencia d'um accordo entre progressistas e regeneradores nas proximas eleições municipais de Lisboa e Porto. Os municipios de ambas as cidades que, pelo menos na apparencia, devem legalmente eleger livremente os vereadores, com esses ninguem se importa, bastando que votem como lhes fór ordenado.»

«Está em distribuição o 1.º fasciculo d'uma magnifica obra, editada pela Empreza da Historia de Portugal, intitulada *Lisboa Illustrada*, obra esta que depois de concluida formará um grosso volume de 600 e tantas paginas com cerca de 400 gravuras e que custará brochado, reis 2\$500. Estamos lendo esta esplendida obra que é de veras interessante. E' um livro que todos devem possuir. Este réclamo é simplesmente feito por nós, livre de qualquer interesse e por conhecermos a sua utilidade.

«Sob o titulo—*O bridão central* noticiava ha dias a *Folha da Tarde*, o seguinte:

«Segundo se diz, vae ser creada uma inspecção geral das corporações administrativas. Não bastava já a rigorosa tutela exercida sobre todas as corporações administrativas locais e ainda se torna necessario um novo bridão intermediario entre todas ellas e o ministerio do reino. O melhor afinal de contas seria terminar de vez com todos os cargos electivos e substituil os por outros de nomeação governamental. Ao menos entrariamos n'um regimen franco e deixariamos de viver de ficções.»

E' essa tambem a nossa humilde opinião.

«Sobre a questão da moeda falsa, que está apparecendo continuamente, não é materia nova entre nós, por quanto já no tempo de D. Affonso Henriques, os judeus então em quantidade, senhores d'este paiz, passavam moeda falsa. Hoje, mercê do progresso, essa falsificação está mais apurada, tornando-se difficil conhecer a verdadeira da falsa.

O apuro não é só na moeda de



papel ou sonante, mas em tudo que cheira a poucas vergonhas.

Os moageiros não largam o sr. ministro das obras publicas para lhe arrancarem a auctorisação para a importação de trigo exótico. Para isso entregaram um requerimento ao ministro pedindo o cumprimento do artigo 28.º do regulamento de 1899, o qual preceitua que, havendo reclamações por falta de trigo ou que este esteja por preço superior ao da tabella, se faça um inquerito, a fim de ser permitida a importação do trigo exótico, se d'esse inquerito se inferir a falta do cereal a a superioridade do preço. Vamos a ver o que faz o ministro.

(Alcantara) J. B. da Silva Almeida.

## A SITUAÇÃO DE ANGOLA

De ha muito que o commercio da provincia de Angola vinha, por intermedio da Associação Commercial de Loanda, representando aos seus governadores geraes e mesmo a S. M. El-Rei, ácerca das difficuldades com que luctam e vicissitudes porque está passando ha annos a esta parte, e que com os acontecimentos occorridos ultimamente no interior da provincia, muito se têm aggravado.

Como um dos males mais graves para a vida economica da provincia, aponta aquella associação e outras agremiações o systema pautal, pedindo por vezes a sua reforma segundo as indicações por ellas dadas, mas que longe de serem attendidas as suas reclamações, tal reforma se tem feito com manifesto gravame para o commercio e agricultura, elevando o imposto nas produções que constituem a riqueza

d'aquella provincia, e não concedendo o beneficio pedido na exportação.

A triste situação, que attribuem á negligencia e má orientação dos governos da metropole, levou os habitantes de Loanda por intermedio da «Associação Beneficente dos Empregados do Commercio» a espalhar pela provincia um manifesto, do qual será organisação de um programma de trabalho, na defeza dos seus principios que no mesmo manifesto são invocados, e que termina assim:

«O momento é decisivo. E' de obras e não de palavras que carecemos.

Para um procedimento uniforme e que possa salvar-nos é necessario que nos unamos. Na nossa rasão está a nossa maior força e nossa união sua melhor defesa.

Traçemos o nosso caminho. E' simples.

O nosso campo de acção e de lucta é dentro do systema economico e administrativo. A nossa bandeira é a do progresso d'esta colonia; é a da garantia do nosso trabalho. é a da segurança do dia de amanhã resalvado pelas migalhas dos nosso esforço, guardadas á custa de tanto sacrificio.

Queremos ser governados, mas não tutelados.

Pretendemos uma reforma na administração publica d'esta provincia, orientada no principio da descentralisação dos poderes.

E no momento actual como remedio empirico á gravidade da situação que atravessamos e deante dos factos anormaes que preoccupam seriamente toda a população da provincia, forçoso é, que sem delongas, se proceda á investigação da origem de taes factos e se faça recair sobre os seus auctores o peso da justiça.

Queremos a repressão pela força, porque sem ella pouco póde valer o

prestigio de uma nação n'estas paragens, mas queremos tambem que se tentem todos os meios que possam conduzir-nos á manutenção das boas relações com os povos circumvizinhos e de quem carecemos como auxiliares no trafico do commercio em que se empregam tantos dos nossos compatriotas disseminados pelo interior da provincia e cujas vidas correm mais perigo na perspectiva de uma guerra, que Deus sabe quando terminará, do que na vigencia de uma duradoura e estavel paz.

Se para conseguirmos os fins a que nos propomos for necessario ir até ao sacrificio das nossas commo-didades, do nosso bem estar, dos nossos haveres e ate das nossas proprias pessoas forçoso é que o façamos sem a minima objecção.»

Em virtude d'esse manifesto, publicou *O Ultramarino*, uma noticia que, a ser verdadeira, era deprimente para os nossos compatriotas n'aquella provincia, o que os levou a desmentil-a com o protesto que segue.

## AO PAIZ

Por uma singular coincidência, e quando ainda nem publicidade se havia dado ao manifesto de 6 de Julho, isto por demora nos trabalhos d'impressão, começaram a chegar a nossos ouvidos rumores vagos de que *O Ultramarino* jornal que se publica em Lisboa á sahida dos paquetes para esta costa, no seu numero de 6 do corrente dava curso, ou sob a forma de telegramma, ou inserto em correspondencia d'aqui enviada, a noticia de que—esta colonia dirigira, ou pensava dirigir, uma mensagem ao Rei de Inglaterra solicitando a sua intervenção e o seu auxilio na solução dos assumptos privativos da administração d'esta provincia até ao ponto de ser bandido o dominio portuguez.

Immediatamente ao haver-mos certificado da publicação de tão infame e infamante noticia, corremos pressurosos a desmentil-a pelo meio

mais rapido que se nos deparava, e em data de hontem fizemos expedir, dirigido á Agencia Havas, o seguinte telegramma:

«Havas—Lisboa—Comissão comicio protesta contra noticia Ultramarino, repelle ideia intervenção estrangeira, mantém pensamento manifesto».

Hoje, e mais accentuadamente, vimos á face do paiz inteiro corroborar aquelle nosso protesto de indignação contra tão criminoso pensamento, que nunca esteve nem podia estar, em circumstancia alguma, na intenção d'aquelles que, embora asoberbados por uma crise que promete aniquillal-os, recorrem para o esforço mais supremo, vigoroso e tenaz, filho unicamente dos seus recursos proprios, mas nunca de auxilio estrangeiro.

A negligencia e má orientação dos nossos governos, poderá conduzir-nos a toda a ordem de sacrificios, que os não regateamos a uma causa tão justa como a nossa; mas ao que por fórma nenhuma nos hão-de arrastar, é ao sacrificio da nossa dignidade de homens livres, trocando a qualidade de cidadãos portuguezes, que tanto presamos, pela de subditos de qualquer estrangeiro.

São os nossos estadistas, é certo, os culpados da nossa desgraçada situação e para o tribunal da opinião publica os chamamos, sem nunca podermos lançar as manchas que os cobrem, sobre o nome honrado do nosso velho Portugal que quanto mais longe o vemos mais afeição lhe temos.

A toda a imprensa pedimos a maior publicidade d'este nosso protesto, para que, ainda no mais recôndito logar da nossa terra, elle não possa deixar de ser reconhecido.

Loanda 12 de Julho de 1902.

Pela grande comissão

O Presidente

Joaquim da Cruz Lima

O 1.º Secretario

Telmo Bandeira

O 2.º Secretario

José Luiz de Freitas Ribeiro

## FOLHETIM

EMILIO RICHEBOURG

### Historia de dois amigos

Tradução de JULIO GAMA

V

—Não regresso ao serviço por ambição—respondera elle—mas unicamente para me bater contra os inimigos da patria. Além d'isso, podiam separar-me de Diogo e eu não quero deixal-o.

Quando este soube da recusa de Estevão, censurou-o.

—Era talvez a tua fortuna—lhe disse elle.

—Ora! a minha fortuna está no trabalho e na força dos meus braços—respondeu Estevão.—Somos amigos, conservar-nos-hemos iguaes nas fileiras do exercito; não quero ser teu superior.

Em 9 de novembro os dois sargentos fizeram prodigios de valor na batalha de Culmiers.

Nesse dia, o exercito do Loire, apenas formado e composto de soldados improvisados, mostrou pela sua coragem e intrepidez que ainda

se podia contar com os immensos recursos da França. O exercito bavaro foi derrotado e abandonou aos francezes a cidade de Orleans. Então uma marcha audaciosa sobre Paris poderia libertar a grande capital sitiada. Toda a gente esperava com ansiedade esse movimento. Todos se lembravam de que em muitas circumstancias a audacia tinha mudado a fortuna da França. Desgraçadamente o general em chefe do exercito do Loire perdeu um tempo precioso em Orleans, e permittiu ao exercito de Frederico Carlos, livre depois da desastrosa capitulação de Metz, o vir collocar-se entre elle e Paris. Ora, quando d'Aurelle de Paladines quiz retomar a offensiva, encontrou-se em face de forças superiores.

E' em Paty que nós vimos encontrar novamente os dois sargentos. N'esse ponto, a resistencia foi demorada e energica; apesar do poder da artilheria inimiga, o exito da jornada esteve por muito tempo indeciso. Foi preciso dar-se a ordem de bater em retirada, para ceder a vantagem aos prussianos.

No momento em que os francezes abandonavam as suas posições, Diogo Pérard recebeu uma bala n'uma coxa. Estevão viu-o cair e correu a erguel-o. Em volta d'elles rebentavam os obuzes e sibilavam as balas; numerosos esquadrões prussianos

avanzavam pela planicie para se apoderarem dos nossos retardatarios e ameaçar a rectaguarda.

—Deixa-me—disse Diogo debilmente—pensa em ti e não te expostas mais ao perigo.

—Deixar-te? Nunca!—exclamou Estevão.—Quero salvar-te ou participar da tua sorte, seja ella qual for.

—Desgraçado! Não ouves a fuzilaria?

—Nada ouço; só vejo que estás ferido e soffres...

—Estevão! Olha que te expões a morrer!

—E então! morreréi ao pé de ti, morreréi contigo!

—Mas eu não quero! Lembra-te de Celina, lembra-te de teus filhos!

—São elles que me apontam o meu dever.

Agarrou o ferido e conseguiu sobraçal-o, erguendo-o valorosamente. Debaixo do fogo inimigo, com a neve até os joelhos e atravez d'uma chuva de ferro, procurou chegar até o furgão de uma ambulancia franceza que recolhia alguns feridos, d'alli a uns cem metros. Não tinha andado meio caminho, quando subitamente dois esquadrões de hussardos prussianos desembocaram no recanto de um bosque e lhe cortaram a retirada.

Os dois sargentos e uns cincoenta soldados foram envolvidos pelos hussardos e feitos prisioneiros.

VI  
Após uma resistencia admiravel, no Norte com Faidherbe, no Este com Bourbaki, no Oeste com Chanzy—Paris que havia quatro mezes e meio tinha em cheque duzentos e cincoenta mil prussianos, Paris faminto, Paris sem pão e agonizante, viu-se forçado a capitular.

Desde o mez de março, logo depois de assignada a paz, começou a Allemanha a restituir os seus prisioneiros. Tinha-nos nada menos de quatrocentos mil homens em captivo.

Diogo Pérard regressou a Essex. A sua ferida tinha cicatrizado e curado; mas elle soffria-lhe ainda as consequências. Tinha sido separado de Estevão Radoux logo no primeiro dia de captivo. Na Allemanha tinha procurado saber onde elle estaria; mas nenhuma informação exacta podera obter. Tentou tranquillisar Celina, dizendo-lhe que Estevão tinha sido aprisionado por um acto de dedicação por elle; que não recebera ferimento algum e que podia contar com o seu proximo regresso.

A pobre mulher revestiu-se de coragem e paciencia.

(Continúa)



2.º A sexta parte d'uma horta, sita ao Ribeiro, limite da Balsa, no valor de quarenta mil reis.

3.º Uma sorte de terra de lameiro, sita á Horta do Ribeiro, limite da Balsa, denominada o Barroco, no valor de trinta e seis mil reis.

4.º Uma sorte de terra de sementeira de secca, sita á Serrada, limite da Balsa, no valor de nove mil reis.

5.º Uma terra de sementeira, no sitio da Tapada da Rita, limite da Balsa, no valor de cinco mil reis.

6.º A terça parte d'uma testada de matto, sita á Lomba, limite das Sarzedas de São Pedro, no valor de seis mil reis.

7.º Metade d'um souto com testadas e pinheiros, sito ao Souto das Cosinhas, limite da Balsa, no valor de vinte e quatro mil reis.

8.º Uma sorte de terra com carvalhos e matto, sita aos Bajuncos, limite da Balsa, no valor de oito mil reis.

9.º Uma sorte de terrá de lameiro, denominada o Praso, sita á Tapada da Rita, limite da Balsa, no valor de oito mil reis.

10.º A terça parte d'uma sorte de terra de sementeira de rega, com videiras, sita á Ladeira de Cima, no valor de dezoito mil reis.

11.º A terça parte d'uma terra com carvalhos, sita ao Souto Fundeiro, limite da Balsa, no valor de seis mil reis.

12.º A terça parte d'uma sorte de terra com castanheiros e testada de matto, sita ao Valle de Forcados, limite da Balsa, no valor de dez mil reis.

13.º A terça parte d'uma sorte de matto e castanheiros, sita ao Bitoural, limite da Balsa, no valor de oito mil reis.

14.º Uma terra de sementeira, sita á Tapada da Rita, limite da Balsa, no valor de dez mil reis.

15.º A terça parte d'uma testada de matto, sita ao Valle dos Mouchões, limite da Balsa, no valor de cinco mil reis.

16.º Uma terra de sementeira de rega, sita á Vinha, limite da Balsa, no valor de quarenta e cinco mil reis.

17.º Metade d'uma terra de sementeira de rega, sita o Serrado, limite da Balsa, no valor de dezasseis mil reis.

18.º A terça parte d'uma testada de matto, sita ao Valle das Carvalhas, limite da Balsa, no valor de quatro mil reis.

Figueiró dos Vinhos, 7 d'agosto de 1902.

Verifiquei—

O Juiz de Direito  
João Ribeiro.

O Escrivão  
Antonio d'Andrade Albuquerque.

### Editos de 60 dias

(2.º ANNUNCIO)

Pelo juizo de direito da comarca de Figueiró dos Vinhos, e cartorio do terceiro officio, correm editos de 60 dias a contar da segunda publicação do presente na folha official, citando Felizmina Henriques dos Santos e marido José Fernandes Junior, da Gestosa Fundeira, ausentes em parte incerta, ella na cidade de Lisboa, e elle nos Estados Unidos do Brazil, para na segunda audiencia posterior ao dito praso, verem offerrecer a acção que lhes move Abel

Henriques de Campos, da Gestosa Fundeira, para pagamento da quantia de 400\$000 reis e juros vencidos que lhes devem.

As audiencias n'este juizo teem lugar no tribunal judicial da comarca sito no Largo do Conselheiro João Franco, pelas 10 horas da manhã, em todas as segundas e quintas feiras, não sendo sanctificados ou feriados, porque sendo-o se fazem nos dias immediatos se o não forem tambem.

Figueiró dos Vinhos, 5 de agosto de 1902.

O Escrivão  
Elysio Nunes de Carvalho.

Verifiquei a exactidão—

O Juiz de Direito  
João Ribeiro.

### VENDEM-SE

Uma caldeira de distillação intermitente, que leva 299 litros, em muito bom estado, e um machinismo de azenha, que se compõe de roda motora, carreto e roquete.

Este machinismo é muito solido e ainda não serviu.

Quem pretender, dirija-se a Manuel Mendes d'Abreu, em Figueiró dos Vinhos.

### CASA VAULTIER

62—CAES DO TOJO—64

LISBOA

Depositaria da casa

G. Klene,

DE

BARCELONA

Fabrica todos os artigos de borracha, em todos os generos e feitos. Amiantor em corda e folha. Correame em couro. Balata, pello de camello, algodão e contechou. Oleos mineraes e muitos outros artigos para estabelecimentos fabris.

### GAZ ACETYLENE

GAZOMETRO AUTOMATICO

VELLEZ

6 horas de luz deslumbrante por 30 reis!!

O Gazometro automatico, é o mais perfeito, o mais solido, o mais economico e o mais elegante.

O Gazometro automatico, só fabrica o gaz que precisa para o consumo, e por isso não tem o perigo de explodir, podendo ser collocado dentro de casa, occupando apenas o espaço de meio metro quadrado.

O Gazometro automatico, é construido n'um só corpo, tendo dois geradores, que funcionam conjunctamente ou em separado, podendo ser carregados sem se apagarem os bicos.

O Gazometro automatico, é muni-

do d'um depurador, onde o gaz deixa todas as impurezas e vapor d'agua, conservando-se por isso a tubagem sempre limpa e não havendo intermitencias na luz, o que não succede com os demais aparelhos.

São pois estes gazometros preferiveis a qualquer outro systema, e para garantia do que se affirma, restitue-se a importancia da installação recebendo-se o pparelho.

Gazometro para 10 bicos com força de 15 velas cada um—15\$000.

Gazometro para 20 bicos com força de 15 velas cada um—30\$000.

Lampada gazometro portatil para um só bico, proprias para escriptorio—2\$500 reis.

Grande sortimento de candieiros, tulipas, abat-jours, globos, bicos, etc. etc.—Carboreto de calcio de 1.ª qualidade.

Todos os pedidos devem ser dirigidos a

Francisco Cabral

OUREM

que se encarrega da montagem dos aparelhos em qualquer terra, por preços modicos.

### ANTIGO HOTEL VIZIENSE

RUA DOS BACALHOEIROS,

N.º 139—2.º

—LISBOA—

Este acreditado estabelecimento, ultimamente muito melhorado pelo seu actual proprietario, Antonio do Carmo Caiado, é um dos que melhor servem, por preços relativamente baratos, a par de um esmerado asseio e demais condições que os hospedes podem exigir.

O Proprietario

Antonio do Carmo Caiado.

# TYPOGRAPHIA

DE

F. ANTONIO D'AGUIAR

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

ESTA bem montada typographia, executa com promptidão, perfeição e modicidade de preços, todos os trabalhos do seu genero.

Tendo uma variada collecção de gravuras, de imagens, satisfaz immediatamente qualquer encomenda de estampas ou registos que lhe seja feita, enviando-os francos de porte, pelos preços seguintes:

400 registos . . . . .	600 réis
200 " . . . . .	1\$000 "
300 " . . . . .	1\$400 "
500 " . . . . .	2\$000 "
1009 " . . . . .	3\$000 "

diminuindo assim o preço conforme a quantidade augmente.

Tem em deposito diversos impressos para as repartições do estado, cartorios dos juizos de Direito, e para particulares.

## A AMBIÇÃO D'UM REI

ROMANCE PORTUGUEZ

Original de Eduardo de Noronha

illustrado a côres por

Manuel de Macedo e Roque Gameiro

A distribuição nas provincias será feita quinzenalmente a fasciculos, contendo 7 folhas ou 56 paginas e uma gravura colorida.

120 réis—cada fasciculo

Os pedidos d'assignatura podem ser feitos á—Secção Edotirial da Companhia Nacional Editora—Largo do Conde Barão, 60, Lisboa, ou aos seus correspondentes.

ROCHA MARTINS

## MARIA DA FONTE

GRANDE ROMANCE HISTORICO

Edição de luxo, acompanhada de bellissimas photo-gravuras dos principaes personagens da epocha e com primorosas illustrações de—Roque Gameiro e Alfredo Moraes—editada pela—Empreza Eeditora e Typographica—de João Romano Torres, rua de D. Pedro V, 82 a 88—LISBOA. Divide-se a obra em 3 partes, com os titulos:

- 1.ª—Os Guerrilheiros.
- 2.ª—Torpeza Real
- 3.ª—Maria da Fonte.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em Lisboa, Porto e nas diversas localidades da provincia onde a Empreza tem correspondentes, será distribuido semanalmente um fasciculo,—sempre illustrado,—ao preço de 40 réis. Mensalmente distribuir-se-ha um tomo, pelo preço de 200 RÉIS.